



# O Novo Comando Estratégico: A Modernização dos Princípios de Guerra para o Século XXI

General Charles J. Dunlap Jr., Força Aérea dos EUA

**E**XISTEM VERDADES universais sobre a guerra? Quando o imutável chega a ser mutável? Estas perguntas surgem quando analisamos novamente os fundamentos do combate como, por exemplo, os princípios de guerra. Infelizmente, o duradouro na guerra é o seu incessante e trágico horror.

Outros aspectos da dimensão humana também não mudaram. A apreensão e a determinação que sente um jovem do Corpo de Fuzileiros Navais no campo de batalha atual são as mesmas que experimentou aquele jovem ateniense na planície de Maratona no ano 490 a.C. Também é verdade que os fatores sociais, econômicos, políticos e tecnológicos colaboram para a evolução da guerra, mas não à sua essência. Os princípios tradicionais da guerra descrevem, como demonstrado em um documento, “aqueles aspectos que são universalmente verdadeiros e relevantes”.<sup>1</sup> Eles tipicamente incluem a unidade de comando, objetivo, ofensiva, concentração, manobra, economia de força, segurança, surpresa e simplicidade.<sup>2</sup> Com o passar do tempo a lista tem variado um pouco; o que pode ter sido comum numa era pode ser raro e absolutamente ausente em outra. A necessidade de atualização do assunto simplesmente reflete a participação humana (se não a humanidade) na guerra.

## A Modernização dos Princípios de Guerra

Modernizar os tradicionais princípios de guerra para os conflitos do século XXI não significa que aqueles mais antigos deixem de ser relevantes. Pelo contrário, a intenção de atualizar esses princípios é simplesmente a de captar o espírito dos já existentes. Por exemplo, uma informação analisada, quando entendida adequadamente, incorpora os elementos de segurança e surpresa. Da mesma forma, princípios de guerra modernizados tais como percepção do mérito da ação, fundamento estratégico, perseverança, superioridade no combate, efeito desejado, adaptabilidade e o poder culminante lutam para capturar o objetivo principal entre outros

*O General Charles J. Dunlap Jr., é Auditor da Justiça Militar no Quartel-General do Comando de Combate Aéreo na Base Aérea Langley, Virgínia. Possui os títulos de Bacharel pela St Joseph University e Ph.D em Jurisprudência pela Faculdade de Direito da Villanova University. Cursou também a U.S. Armed Forces Staff College, a Air War College e a National War College. Desempenhou diversas funções de estado-maior da Força Aérea dos EUA e em comandos combinados no território continental dos EUA, África e Oriente Médio. Seu artigo, “Military Justice System and Command Accountability” foi publicado em inglês na edição de fevereiro de 1985 da Military Review.*

princípios tradicionais. Em suma, o objetivo não é a substituição de todos os princípios tradicionais, mas sim uma renovação consciente do valor duradouro do antigo.

**A percepção do mérito da ação.** Porque o homem luta e as razões por que deixa de lutar são as perguntas clássicas dos pensadores militares. Conclui-se que a resposta é uma questão de mérito. O que leva os indivíduos a arriscar suas vidas no combate armado? O que os convence a fazer os enormes sacrifícios exigidos pela guerra? Para alguns são objetivos altruístas tais como alcançar ou manter a liberdade. Para outros, é uma questão de honra pessoal, de camaradagem ou simplesmente de sobrevivência. O mérito da ação é o elemento implícito na disposição fundamental de indivíduos, coletiva e individualmente.

Entretanto, é errado assumir que o mérito da ação é igual ao bem moral. Vários grupos podem supor que o ódio étnico, o *Lebensraum* (espaço vital) ou qualquer outra variedade de raciocínios malévolos representam fatores de motivação aceitáveis para a violência. O mérito da ação é uma questão de perspectiva subjetiva, não objetiva. O que importa é o que o beligerante acredita ser a justificativa para a guerra. Portanto, este princípio acrescenta a palavra “percepção” à idéia de mérito da ação.

Os teóricos sugerem que o conceito relacionado de “vontade” deveria se transformar em um princípio de guerra, já que superar a resolução de um adversário constitui-se uma tarefa primordial na guerra.<sup>3</sup> Segundo os aspectos críticos, a vontade tem sido sempre o centro de gravidade. Embora existam muitos exemplos desse atributo na literatura militar, a percepção do mérito avalia para examinar em profundidade seus elementos implícitos. Para o combatente, literalmente se faz a pergunta certa: o “porquê” da hostilidade de um antagonista. A oportunidade jaz na resposta. O desgaste da percepção do mérito da ação entre os elementos do poder de combate decisivos de um adversário desintegra seu esforço, mesmo se sua capacidade física para continuar permanecer intacta. Por outro lado, quando ocorre entre as forças amigas, normalmente redundando em derrota. A maioria dos oponentes dos EUA deixou de buscar uma vitória militar tradicional. Em vez disso, procuram nos persuadir que o objetivo já não justifica o sacrifício antecipado de sangue e

dinheiro americano. É por isso que o gerenciamento das percepções entre adversários é tão importante para os conflitos do século XXI. Para criar as adequadas percepções, os líderes precisam de informações muito bem analisadas.

**A informação analisada.** Este novo princípio procura dar sentido à cacofonia que rodeia conceitos tais como o domínio e a superioridade da informação. Impregnado com a idéia de que “mais é sempre melhor”, os recursos são colocados numa variedade de meios de coleta, num insaciável empenho para acumular informação. Embora seja necessário procurar muitos meios de coleta para assegurar que nos encontramos completamente informados, os combatentes precisam mais do que dados não confirmados, sem se importarem com a sua quantidade.

O verdadeiro desafio é incorporar essa informação. Não é simplesmente coletar dados relevantes dentre uma quantidade de informações; é a apreciação dos fatores humanos inerentes à transmissão de informação. Que quantidade de informações úteis pode um comandante absorver e com que rapidez? Se a informação não for absorvida é o mesmo como se ela não existisse. Dito isso, até as mais completas e bem integradas informações, por si só, não produzirão o diferencial de informação ao vencedor.

Existem várias razões para isso. A digitação de dados de todos os tipos produz muita informação militarmente útil, sem restrições e disponível na Internet. No futuro, podemos assumir que qualquer informação que exista de forma eletrônica pode encontrar-se nas mãos do adversário. Além disso, a tecnologia bem como as ferramentas de pesquisa da Web (*Web crawlers*), robôs inteligentes e outros meios relativamente autônomos e de baixo custo, provavelmente farão a maior parte do trabalho de incorporação dos dados. Corporações independentes já existem para buscar informações, para quem quiser, por determinados preços.

Todos estes acontecimentos irão nivelar o conhecimento das informações no campo de batalha. Em muitas situações, portanto, os combatentes não devem gastar tempo na pretensiosa tarefa de obter a superioridade ou o domínio da informação. Em seu lugar deveriam desenvolver doutrinas e estratégias para combater num ambiente de completa transparência das informações.

A autenticação será a característica essencial da informação na guerra do século XXI. É extremamente fácil manipular e alterar dados, inclusive das imagens eletrônicas existentes. Embora a própria tecnologia possa proporcionar algumas soluções, aquela parte encarregada de verificar rapidamente a legitimidade de informação terá uma vantagem significativa. Um novo estilo de confusão da guerra marcará os conflitos modernos, enquanto grandes quantidades de dados engenhosamente falsificados e desinformados inundarão os centros de decisão, ameaçando enterrar os fatos verdadeiros.

A verdadeira vantagem da assimetria não provém da acumulação da informação, mas do componente cognitivo dos combatentes. O que realmente importa é o conhecimento retirado da informação. Os dados, sem importar sua abrangência, incorporação ou relevância, em questão de tempo, não podem proporcionar o conhecimento, que não é apenas saber o que o inimigo pensa ou diz, mas intuir e prever o que ele vai pensar e fazer antes dele mesmo saber. Dessa forma, uma informação bem analisada pode identificar um princípio convencional como a surpresa e empregá-la ofensivamente ou defensivamente.

Como podemos adquirir conhecimento? A resposta é a experiência e a habilidade combinadas com uma educação liberal que abarca uma grande esfera de ação, adquirida formal ou informalmente. Estas, em conjunto com uma sólida orientação tecnológica complementada por um extenso estudo de todos os aspectos da situação específica do adversário, podem produzir, se não o conhecimento, pelo menos avaliações mais inteligentes.

A habilidade de concentrar-se é de grande importância. Napoleão passava muito tempo sozinho, deliberando sobre os seus planos de guerra. Essa técnica produziu, algumas vezes, intuições militares brilhantes. Obviamente, o acelerado ritmo da guerra moderna limita emular a técnica de Napoleão, mas a tecnologia e o estudo do comportamento podem até produzir abordagens úteis. Um processo analítico distribuído que vincule e tire proveito da capacidade dos recursos

PRINCÍPIOS DA GUERRA	
<i>Tradicionais</i>	<i>Modernos</i>
Unidade de Comando	Percepção do Mérito da Ação
Objetivo	Informação analisada
Ofensiva	Fundamento Estratégico
Concentração	Perseverança
Manobra	Superioridade no combate
Economia de Força	Efeito desejado
Segurança	Adaptabilidade
Surpresa	Poder Culminante
Simplicidade	

intelectuais de elementos díspares de liderança é outra possibilidade que vale a pena ser explorada. O dom militar inato dos indivíduos ainda é importante, mas este dom deve ter um firme fundamento estratégico.

**Fundamento estratégico.** O fundamento estratégico significa apoiar conscientemente cada ação num contexto específico. Este princípio transforma o objetivo para destacar o potencial que a revolução da informação proporciona para todas as ações de combate. A tradicional idéia de “objetivo” é parte integrante do fundamento estratégico, porque as atividades, automaticamente conectadas, se unem em qualquer nível da guerra. Na era da informática poucos objetivos são exclusivamente táticos ou operacionais ou até mesmo militares. Cada um deles tem implicações estratégicas, sendo alguns de profunda importância.

A concepção estratégica do General Charles C. Krulak sobre atitudes de militares de baixa graduação constitui a síntese deste fenômeno.<sup>4</sup> As ações no nível tático, inclusive aquelas realizadas por um cabo ou soldado qualquer, negligenciadas em conflitos anteriores, podem ter conseqüências desagradáveis. O impressionante efeito estratégico de uma má conduta profissional de alguns militares de menor graduação na prisão de Abu Ghraib ilustra muito bem a concepção de Krulak. O escândalo foi uma derrota em todos os sentidos da palavra, com exceção, talvez, na tradicional área da mídia. É essencial organizar intencionalmente todas as ações em função dos objetivos estratégicos.

Nos conflitos do século XXI, a forma como se combate pode determinar se (e o que) ganhamos. Infelizmente, sem um firme fundamento estratégico, a concentração no objetivo incentiva uma obsessão nociva nos resultados a curto prazo, isolando-se de outros imperativos. A noção de que “tivemos que queimar a aldeia para salvá-la” caracteriza o problema. Os sistemas de informação globalizados podem criar rapidamente efeitos políticos adversos como resultados das ações militares, até mesmo as ações que se ajustam as idéias costumeiras da vitória. Portanto, os líderes devem planejar suas mínimas ações, para responder a potencialidade estratégica que cada uma delas possui.

O fundamento estratégico se choca com a importância da ofensiva no tradicional pensamento militar. Uma obsessão desenfreada com uma visão indiferenciada da ofensiva é perigosa.<sup>5</sup> É claro que refrear os impulsos ofensivos indisciplinados não significa ser partidário da passividade. As ações defensivas que infligem um constante estresse no adversário enquanto evitam habilmente conseqüências indesejadas, merecem a mesma atenção que a ofensiva. O melhor método de se alcançar este objetivo é vincular todas essas ações ao seu apoio estratégico. A perseverança prontamente informa a eficácia e a relevância desse fundamento estratégico.

**Perseverança.** Grande parte do valor da perseverança como um princípio de guerra modernizado reside na sua intensa lucidez. Ele reflete a idéia básica da vontade contínua tendo em vista o propósito desejado, apesar da severidade com que tenha sido empregada. No contexto militar, abrange tudo o que é imediatamente prático até temas puramente estratégicos. Em toda a sua abrangência, o princípio inclui vários princípios tradicionais. Por exemplo, os comandantes modernos que pensam na perseverança, naturalmente incorporarão a segurança no seu planejamento. Os supostos

peritos zombam dizendo que os amadores falam de estratégia e os profissionais de logística. Sem dúvida alguma, é incontestável que a perseverança depende da logística. Portanto, a parte beligerante que conseguir resolver os enervantes assuntos de logística inerentes à guerra moderna obterá um grande retorno. Considere a influência de um desenvolvimento tecnológico que ofereça os recursos para satisfazer as crescentes (e onerosas) necessidades de combustível. Se as necessidades de nutrição humana fossem reduzidas, possivelmente através de avanços na biotecnologia, a perseverança da força melhoraria radicalmente. É claro que procurar interromper a logística das forças armadas continua sendo um dos objetivos dos conflitos modernos.

A perseverança, contudo, é mais do que o simples sustentamento físico; ela abrange também a estratégia. Os comandantes de Xenofonte até George Washington e Mao Tse-tung compreenderam que uma força suficientemente perseverante para preservar sua existência é, por si mesma, uma estratégia que impede que o oponente seja vitorioso. Os adversários, especialmente as forças irregulares, persistem na sua intenção de prolongar um conflito com a esperança de esgotar as forças armadas que aparentam ser mais poderosas.

Entretanto, os êxitos de estratégias similares no passado serão cada vez mais difíceis de ocorrer novamente. Num mundo interligado pela Internet, que virtualmente detecta cada chamada telefônica, transação financeira e vôos de companhias aéreas, o anonimato será cada vez mais difícil. Manter a logística encoberta, mesmo nas operações insurretas menos exigentes, não será nada fácil. Em particular, manter em sigilo as evacuações médicas avançadas pode ser quase impossível. O estudo minucioso das conseqüências da perseverança no adversário pode ser a melhor fonte de novas soluções para complicados problemas militares.



Outra importante consideração para perseverar é que a tecnologia de todos os tipos, atualmente, alcança as áreas mais remotas do mundo e rapidamente produz gerações viciadas em tecnologia. Por conseguinte, uma estratégia da “morte dos mil cortes” (*death of a thousand cuts*) pode beneficiar aqueles que exploram estes costumes, pois mesmo os obstáculos técnicos de menor escala, podem se acumular causando um atrito debilitante. Aproveitar-se dos recursos superiores para produzir redundâncias e alternativas, bem como reforçar as próprias forças para evitar uma derrota tecnológica, está se tornando rapidamente essencial para a perseverança da força.

Nos conflitos modernos, a perseverança exige uma extraordinária capacidade mental. Perseverar diante do enorme estresse produzido pela letalidade dos modernos campos de batalha, resistir à guerra psicológica cada vez mais sofisticada e tolerar uma privação extrema valoriza o profissionalismo e especialmente a disciplina. As forças vitoriosas devem ser disciplinadas e seguras de si mesmas; são poucas as coisas que aumentam mais que a confiança das tropas do que a sua superioridade sobre o adversário num combate.

**A superioridade no combate.** Esta teoria não é complicada. Começando pela derrota de Golias por David, a história militar demonstra graficamente que o valor da superioridade no combate é um princípio com frequência negligenciado. O conceito exige atacar o oponente com impunidade, superando-o em termos de alcance, potência de fogo e astúcia, por meio da dissimulação e da surpresa. As temidas falanges de Alexandre, armadas com lanças de aproximadamente 4 metros mataram milhares de infantes que portavam espadas curtas antes que pudessem atingir seus adversários; os arqueiros ingleses destruíram a grande distância a “nata” da cavalaria francesa em Crécy; e na primeira guerra do Golfo Pérsico, os carros de combate americanos simplesmente superaram os carros de combate T-72 do Iraque a partir de uma distância segura, para obter uma contundente vitória na batalha do 73 *Easting*.

Entretanto, obter uma tecnologia para ganhar um combate é complicado. Embora todos intuitivamente concordem que o equipamento tecnológico de ponta pode se constituir na

diferença entre a vitória e a derrota, muitos assumem que toda essa tecnologia pode ser um bem “total e absoluto”. E o resultado? Pode ser a confusão entre conceitos cruciais, mas complexos, como transformações, sistema de sistemas, conhecimento do espaço de combate e mais. Pior ainda, os esforços de pesquisa e desenvolvimento são desperdiçados nas soluções em busca de problemas. Reproduzir a superioridade em batalhas passadas exige o emprego correto dos recursos suficientes de pesquisa e desenvolvimento tendo em vista o problema global da guerra: a prevenção ou a interrupção da capacidade do adversário para empregar suas armas no combate.

A metodologia é outro aspecto da superioridade no combate. Empregar o armamento no momento oportuno é tanto ou mais importante quanto a sofisticação do equipamento em si. Isso exige processos que permitam que nossos comandantes consigam penetrar no ciclo de observação, orientação, decisão e atuação empregados no poder de combate.<sup>6</sup> A superioridade na batalha resulta do emprego eficaz de meios mais sofisticados para capturar a iniciativa e, ao mesmo tempo, negá-la ao inimigo. Além disso, também, incorpora e simplifica a manobra e pode impor ou opor-se à surpresa. Pode também resultar das ações de terceiros mediante a orquestração do efeito que se deseja no campo de batalha.

**O efeito desejado.** Os princípios tradicionais de guerra falam da unidade de comando, que vem a ser a capacidade de direção e controle. Entretanto, o que realmente conta na guerra são os resultados, seja como forem conseguidos. Embora seja sempre proveitoso organizar os recursos disponíveis numa cadeia de comando que funcione é de grande utilidade considerar e equilibrar o que se encontra além do comando e controle. Portanto, o efeito desejado reinterpreta a economia de força e, inclusive, a concentração de forças e a manobra, dando ênfase aos resultados. Há muitos exemplos para equilibrar o incontável. Ao longo do tempo, as condições atmosféricas têm criado efeitos que influem nas operações militares. Por exemplo, na segunda Guerra do Golfo, nossos comandantes destruíram as unidades da Guarda Republicana ao explorar a suposição dos comandantes iraquianos de que as tempestades de areia impediriam que nossas



O General Courtney Whitney e o General Douglas MacArthur, Comandante-em-Chefe das Forças da ONU, e o General Edgard M. Almond observam o bombardeio de Inchon, Coréia, a bordo do navio de guerra USS Mt. McKinley. (15 de setembro de 1950).

aeronaves observassem os movimentos de seus blindados. A história relata situações onde os combatentes também obtiveram bons resultados ao aproveitar habilmente a geografia, mesmo sem nenhum domínio sobre ela.

Aproveitar os efeitos operacionais das atividades de terceiros é de suma importância nos conflitos modernos. Os atentados explosivos contra o sistema de metrô em Madri, ocorrido um pouco antes das eleições espanholas de 2004, são um exemplo engenhoso, apesar de cruel. Os atentados atingiram o objetivo desejado de influenciar os eleitores, permitindo que o novo governo retirasse suas tropas do Iraque. O efeito prático pode ser diferenciado de uma derrota tradicional: houve a perda da potência de combate de 1.400 soldados espanhóis.

Tirar proveito das ações de grupos díspares apoiados por nós é, sem dúvida, um multiplicador de força. Na guerra moderna estes grupos talvez não tenham, por diversas razões, condições de reconhecer seus papéis. Os grupos de combatentes talvez não tenham nenhuma conexão formal ou informal com aquelas entidades que produzem efeitos, mas que, no entanto, servem seus interesses. Alianças com desconhecidos, mais o hábil emprego da Internet apelando para a realização de ações, é apenas um exemplo de como podem ser formadas essas alianças.

A construção de consensos otimiza o efeito desejado; mesmo quando exista supostamente uma estrutura unificada de comando, os comandantes de caráter mais pragmático ainda podem achar que suas capacidades de persuasão constituem-se no instrumento mais valioso entre as ferramentas a serem utilizadas no combate. O que importa são os resultados da guerra moderna e não os detalhes de um organograma. Obter um efeito desejado requer a necessidade de se pensar com muita antecipação na capacidade de adaptação.

**Adaptabilidade.** A capacidade de adaptação é

uma marca que distingue a forma de combate norte-americana. Durante a II Guerra Mundial, soldados americanos com grande imaginação fixaram na frente dos carros de combate velhos arados para abrir brechas nas cercas vivas que tinham causado atraso no avanço das tropas quando tentavam deixar a Normandia. Na Guerra da Coréia, os desembarques anfíbios executados sob o comando do General Douglas MacArthur em Inchon foram uma adaptação no nível operacional que procurou resolver um impasse no campo de batalha. O espírito de luta ainda continua vivo: na segunda Guerra do Golfo, nossos soldados tiveram de adaptar-se para



Carro de combate M-4 Sherman com um arado improvisado nas trincheiras da Normandia. Observe os soldados de Infantaria sobre o CC.

enfrentar os equipamentos explosivos e armas de pequeno calibre usados pelos iraquianos soldando blindagens improvisadas em suas viaturas.

A adaptabilidade explica melhor os conceitos, em geral mal interpretados, tais como o da guerra assimétrica, que nada mais é do que adaptar os meios e métodos de combate para investir nossas forças contra as fraquezas do inimigo. A capacidade de adaptação significa flexibilidade e não simplicidade; na verdade, a complexidade apresenta oportunidades lucrativas. O emprego de tecnologia de ponta e de tropas treinadas e disciplinadas dificulta a capacidade de adaptação. Empregar um pequeno grupo de Forças Especiais nos campos de batalha do Afeganistão com aviões de combate voando acima deles para realizar um bombardeio de precisão em tempo real é uma resposta complicada em termos de sincronização que rompeu anos de paralisação.

Incentivar os instintos de criatividade do pessoal subalterno é vital, da mesma forma que é importante que uma cultura organizacional aceite, sem problemas, a implementação rápida de idéias que levem a adaptabilidade. Ao mesmo tempo, idéias de adaptabilidade que não forem bem pensadas podem conduzir ao fracasso, o mesmo acontecendo com algumas idéias totalmente fora do contexto que merecem ser ignoradas; enquanto outras devem ser aperfeiçoadas. Considere o apoio dado pelos defensores da *Jeune École* às embarcações torpedeiras que seriam adotados pela Marinha Francesa para contra-atacar poderosos navios de países europeus nos fins do século XIX. Apesar de ser um pressentimento da guerra submarinha, este movimento descartou prematuramente a importância dos encouraçados e não antecipou o surgimento dos porta-aviões.

Nos conflitos modernos, as qualidades supervalorizadas de liderança incluem a habilidade de avaliar rapidamente propostas bem como a tolerância aos riscos inerentes aos processos de adaptação. Naturalmente, a capacidade de adaptação tem por finalidade alcançar um poder culminante.

**O poder culminante.** O contexto de poder dominante responde a esta pergunta: Que tipo e grau de poder militar (ou outro) é necessário para se obter um resultado satisfatório num determinado nível de conflito? Normalmente a resposta seria “o suficiente”, seja para aniquilar o inimigo ou forçá-lo a perceber que continuar com a resistência não é vantajoso. O poder culminante abrange elementos



*Um soldado da 3ª-112ª Batalhão Blindado, da 56ª Equipe de Combate de Brigada da 36ª Divisão de Infantaria soldando a blindagem adicional numa viatura HMMWV no sul do Iraque.*

dos princípios de guerra tradicional como a ofensiva, a concentração de forças, a manobra e a economia de força sem requerer explicitamente nenhuma delas.

A constituição do poder culminante adequado depende da situação. O que surpreende é que no nível estratégico poder-se-ia incluir até um combate decisivo clássico. Estes enfrentamentos não são coisas do passado; a derrocada de Stanley particularmente deu fim à Guerra das Malvinas em 1982 e a queda de Kandahar derrubou os talibãs em 2003. Os futuros comandantes podem impor um efeito “Dien Bien Phu” em determinados adversários com grande sucesso.

Hoje, o poder culminante é difícil de compreender. Embora as divisões convencionais norte-vietnamitas tivessem executado o assalto final contra Saigon em 1975, este conflito, à semelhança de muitas das guerras coloniais posteriores à II GM, espalhou a crença de que as operações de guerrilhas deixaram as forças armadas ortodoxas totalmente irrelevantes. Na realidade, o combate de baixa intensidade normalmente é bem-sucedido na ausência de um combate de alta intensidade contra um risco inexistente aos interesses de segurança de um poder. A verdade é que em alguns conflitos coloniais, os insurretos forçaram seus oponentes a considerar o valor de continuar combatendo. Normalmente, o benefício potencial não podia compensar o investimento necessário para adquirir o poder culminante para alcançar a vitória. (Dado o péssimo rendimento econômico da maioria das ex-colônias, os cálculos foram bastante precisos).

Mesmo nos conflitos motivados pela ideologia, como o Vietnã, uma das partes eventualmente terá que calcular com objetividade o que terá de fazer para terminar um conflito vitorioso. Quando

a população dos EUA começou a observar que o Vietnã do Sul não rumava em direção a um governo democrático eficaz, calculou que não valia a pena continuar com as despesas necessárias para prestar o apoio previsto.<sup>7</sup>

Quando o que está em jogo tem maior valor, os cálculos do poder culminante diferem muito, o que é importante no jogo de “soma-zero” praticado nas batalhas de segurança orçamentária. O importante é que nem os insurretos iraquianos nem os terroristas de Al Qaeda têm condições de adquirir o poder culminante suficiente para ameaçar os interesses básicos de segurança dos EUA — que é a contínua existência dos EUA como uma nação livre.

Os terroristas podem causar danos brutais, especialmente com o emprego de armas de destruição em massa, mas apenas um oponente equivalente com grande capacidade de obtenção dessas armas pode ameaçar a sobrevivência dos EUA. Isso daria o que pensar para aqueles que ridicularizam os chamados sistemas legados como os submarinhos de ataque e de mísseis balísticos, bombardeiros com armas nucleares e mísseis, bem como armas que chamam a atenção como o avião de caça *F-22A*.

Tão ou mais importante quanto derrotar o terrorismo e outras formas de conflito de baixa intensidade é considerar a maior parte do contexto quando da tomada de decisão.

## Pontos de Referência para o Futuro

Os princípios modernizados da guerra poderiam servir como guias para líderes civis e militares envolvidos em conflitos do

século XXI, como auxílio na condução de campanhas bélicas e, também, no apoio à organização, adestramento e meios empregados no conflito. Quando inter-relacionados adequadamente, os princípios modernizados permitem o levantamento de idéias que podem ampliar a capacidade de combate das forças amigas e indicar as vulnerabilidades das operações inimigas. Obviamente, os melhores comandantes se desviarão dos princípios conforme as vicissitudes da guerra. Além disso, inevitavelmente, os princípios modernizados evoluirão. Acima de todos esses conceitos a guerra continua sendo uma arte e, como toda a arte, a imaginação humana continuará a criar formas e métodos inovadores para a sua aplicação. De certa forma, o mais básico dos princípios é a necessidade de desafiar, reavaliar e modernizar constantemente todos eles. É um processo contínuo de aperfeiçoamento e adequabilidade que nunca termina.

Em questões de segurança, a estagnação intelectual pode ser fatal. Por exemplo, atualmente o grande perigo é assumir que a guerra irregular dos atuais conflitos é o inevitável modelo para as guerras futuras. (Na realidade, a ocupação de um país com uma população devastada seria o cenário mais provável?)

Finalmente, devemos continuar a procura da paz, mesmo quando nos preparamos para a guerra. Só podemos esperar que a melancólica opinião de que “só os mortos têm visto o fim da guerra” seja errônea, desde que entendamos que a esperança não é um princípio de guerra.<sup>8</sup>**MR**

---

## Referências

1. Documento Nº 1 da Doutrina do Departamento da Força Aérea, *Air Force Basic Doctrine* (Washington, DC: Gráfica do Governo dos EUA, 17 de novembro de 2003), p. 23.

2. *Ibid.*, p. 24.

3. Veja o Contra-Almirante MORGAN, John G.; MCIVOR, Anthony D.; e a Equipe de Ação do Secretário da Marinha, “Rethinking the Principles of War”, *Proceedings* (outubro de 2003): pp. 34, 36-37. Disponível em <[www.jhuapl.edu/POW/library/Rethinking\\_Morgan\\_Oct0\\_1.pdf](http://www.jhuapl.edu/POW/library/Rethinking_Morgan_Oct0_1.pdf)>, acesso em 17 fev 2006.

4. KRULAK, General Charles C., “The Strategic Corporal: Leadership in the Three-Block War”, *Marines Magazine* (Janeiro de 1999), disponível em <[www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic\\_corporal.htm](http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic_corporal.htm)>, acesso em 17 fev 2006. Krulak enfatiza que as “lições aprendidas na Somália e em outras operações recentes não podem ser ignoradas... e seus resultados podem depender de decisões tomadas... e ações realizadas nos escalões inferiores. Suas decisões provavelmente serão sujeitas a um profundo escrutínio, tanto dos meios de comu-

nicação como do tribunal da opinião pública. Em muitos casos, o fuzileiro, por si só, será o símbolo visível da política exterior dos EUA e potencialmente influirá não apenas na situação tática imediata, mas também no nível operacional e estratégico. Portanto, suas ações terão um efeito direto no resultado das operações maiores; e chegarão a se transformar no Cabo Estratégico.”

5. Vale destacar que Dien Bien Phu começou como uma operação ofensiva.

6. O ciclo de observar, orientar, decidir e atuar (OODA) foi desenvolvido pelo Coronel John Boyd. Veja HAMMOND, Grant T.; *The Mind of War, John Boyd and American Security* (Washington, DC: Smithsonian Books, 2001).

7. Ironicamente, à medida que o Vietnã solicitava cada vez mais apoio e inversões dos estados capitalistas contra os quais lutou, quem “ganhou” exatamente a guerra ainda é um debate. Veja HANSON, Victor Davis, *Carnage and Culture*, (Garden City, Nova York: Doubleday, 2001).

8. SANTAYANA, George; *Soliloquies in England and Later Soliloquies* (Londres: Scribner's, 1924), p. 102.